

Quando o Sujeito Vira Autor: A Escrita Indígena como Mecanismo de Construção de uma Memória Viva

Henrique da Silva¹

A reivindicação do direito à memória e à autoria da própria história constitui-se como uma das frentes centrais e mais antigas da luta intelectual e política dos povos indígenas no Brasil. A negação da humanidade dos povos originários foi, antes de mais nada, sobre uma ideologia que nega a sua capacidade de pensar, narrar e interpretar o mundo (Krenak, 2020). Nesse contexto, trazer visibilidade às figuras e lideranças indígenas, principalmente no espaço acadêmico, não se resume a um gesto meramente descritivo, mas um ato profundo de justiça histórica e descolonização epistemológica. A academia, uma instituição que validou durante tantos séculos os saberes coloniais e silenciando as vozes subalternizadas, transforma-se, assim, em um campo de disputa narrativa essencial.

Nesse sentido, a produção de narrativas biográficas sobre lideranças indígenas, em especial as realizadas por autores indígenas, emerge como uma metodologia potente nesse processo. Se alinhando a chamada “insurgência narrativa”, uma prática de re-existência onde ocupa-se os meios de produção de conhecimento para contar, a partir de um lugar de fala interno e comprometido, as trajetórias de luta, os saberes tradicionais e as complexidades políticas de suas comunidades (Núñez, 2021).

É justamente nesse marco teórico-político que se insere a presente biografia da líder Cleide Kanuã, do povo Jiripankó de Alagoas. A escolha por uma liderança feminina é estratégica e significativa, e responde a um processo de dupla invisibilidade: a dos povos indígenas em geral e a das mulheres indígenas especificamente, cujos papéis políticos e espirituais têm sido frequentemente apagados, tanto nas narrativas coloniais quanto em certas perspectivas antropológicas androcêntricas. Ao se debruçar na trajetória de Cleide Kanuã, o presente autor, também pertencente ao mesmo povo, não apenas resgata uma história individual, mas joga luz sobre a centralidade da luta das mulheres indígenas, as guardiãs dos territórios físicos e culturais, aquelas que sustentam a comunidade em contextos de violência e desterritorialização (Potiguara, 2021). Buscando assim, tornar a obra para além de um farol que ilumine um passado de resistência, mas uma fonte de inspiração para as novas gerações do povo Jiripankó e de conhecimento tradicional vivo para povos originários, assim como, um espaço pluriepistêmico, onde as vozes indígenas, em sua diversidade e autoria, sejam não

¹ Graduando em Serviço Social pela UFBA. E-mail: h.silva@ufba.br

apenas ouvidas, mas reconhecidas como produtoras legítimas de teoria e conhecimento universal.